

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Mayura Waihrich Leal Giaretton Schneider

**ESTEREÓTIPOS E SUAS IMPLICAÇÕES: UMA ANÁLISE DO  
DESENHO PATRULHA CANINA**

Santa Maria, RS

2021

**Mayura Waihrich Leal Giaretton Schneider**

**ESTEREÓTIPOS E SUAS IMPLICAÇÕES: UMA ANÁLISE DO DESENHO  
PATRULHA CANINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana Petermann

Santa Maria, RS

2021

**Mayura Waihrich Leal Giaretton Schneider**

**ESTEREÓTIPOS E SUAS IMPLICAÇÕES: UMA ANÁLISE DO DESENHO  
PATRULHA CANINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero**.

**Aprovado em 11 de fevereiro de 2021**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Juliana Petermann (UFSM)**  
**(Presidente/Orientadora)**

---

**Prof. Dr.<sup>a</sup>. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira Cruz**  
**(Examinadora)**

---

**Prof. Dr.<sup>a</sup>. Carlise Porto Schneider Rudnicki**  
**(Examinadora)**

Santa Maria, RS  
8 de abril de 2021

## RESUMO

### ESTEREÓTIPOS E SUAS IMPLICAÇÕES: UMA ANÁLISE DO DESENHO PATRULHA CANINA

Autora: Mayura Waihrich Leal Giaretton Schneider<sup>1</sup>

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana Petermann<sup>2</sup>

As crianças nascem imersas em um contexto econômico, social e cultural onde existe interação com uma série de artefatos midiáticos e tecnológicos, dentre estes, o desenho animado. Os desenhos animados, enquanto produtos de mídia, podem ser considerados uma pedagogia cultural, pois possibilitam educar uma criança pela representação de redes de poder, com a veiculação de modos de ser, pensar e agir. De acordo com Beloni (2009), o público infantil passa a construir, a partir destas inserções, a compreensão do papel social de “menino” ou de “menina”. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar a série de desenho infantil canadense, popular entre crianças brasileiras de 4 a 6 anos, *PAW Patrol* - no Brasil chamada de Patrulha Canina. Com base no conceito de estereótipo proposto por Stuart Hall (1997) foi feita uma análise geral do desenho, seguida da avaliação descritiva de três episódios da série. Constatamos que a presença de estereótipos naturalizados ainda estão presentes no entretenimento infantil, em contraponto com uma transformação cultural emergente no que tange a conceitos tradicionalmente enraizados.

**Palavras chave:** Infância. Gênero. Desenho animado. Estereótipos.

## ABSTRACT

### STEREOTYPES AND THEIR IMPLICATIONS: AN ANALYSIS OF PAW PATROL CARTOON

Autora: Mayura Waihrich Leal Giaretton Schneider<sup>1</sup>

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Petermann<sup>2</sup>

Children are born immersed in an economic, social and cultural context where there is interaction with a series of media and technological artifacts, including animated cartoons. Cartoons, as media products, can be considered a cultural pedagogy, as they make it possible to educate a child through networks of power, with the transmission of ways of being, thinking and acting. According to Beloni (2009), the child audience starts to build, from these insertions, the understanding of the social role of "boy" or "girl". In this context, the objective of this research is to analyze the Canadian children's drawing series, popular with Brazilian children aged 4 to 6 years, PAW Patrol - in Brazil called Patrulha Canina - and its implications in the composition of children's gender identity. Based on the concept of stereotype proposed by Stuart Hall (1997), at first a general analysis of the design was made, followed by the descriptive evaluation of three episodes of the series. We found that the presence of naturalized stereotypes is still present in children's entertainment, in contrast to an emerging cultural transformation with respect to traditionally rooted concepts

**Keywords:** Childhood. Gender. Cartoon. Stereotypes.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>2</b>
<b>2.1. Gênero como conceito .....</b>	<b>2</b>
<b>2.2. Os estereótipos, a mídia e as questões de gênero na infância .....</b>	<b>7</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>8</b>
<b>4. ANÁLISE DO PRODUTO DE MÍDIA PATRULHA CANINA.....</b>	<b>10</b>
<b>4.1. Desenho animado.....</b>	<b>10</b>
<b>4.2. Os episódios.....</b>	<b>17</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No decorrer da história humana, o significar e ressignificar a criança se transforma ao longo dos tempos, conforme o contexto social e produção cultural de cada sociedade. A concepção de infância, segundo Coutinho (2009), vem sendo transformada historicamente e não é homogênea nem quando analisada em uma mesma época. Transformações de cunho cultural, econômico e político colaboram para esta constatação.

A fabricação da infância inserem-se nas tramas que os sujeitos criam e que nelas mutualmente se envolvem, ou seja, ela está associada a um amplo conjunto de associação dos modos como os sujeitos, ao longo dos tempos, percebem e organizam seus corpos e sua existência. (Coutinho, 2009, p 31)

Pensar a infância requer uma reflexão menos estática, remete repensar constantemente as noções pré-elaboradas, pois a sociedade segue em transformação. De acordo com Bujes (2001), se considerarmos que estamos imersos em contextos sociais e culturais que seguem em modificação, pode-se inferir que o público infantil também participa destas transformações, pois experienciam vivências neste contexto social ativo.

Pensar na construção destas características a partir da influência dos meios de comunicação sobre a questão de gênero na infância, nos remete a refletir como a sociedade atual está construindo estes conceitos no imaginário infantil, constata Belloni (2009). A experiência da infância está infundida em redes de poder e em práticas de consumo midiático. Steinberg (1997, p. 98) caracteriza a infância como um artefato histórico, social e cultural, diferenciando o conceito de uma construção biológica.

Diante deste contexto, este artigo está centrado na seguinte questão: quais são os principais estereótipos de gênero representados no desenho animado Paw Patrol? Esta investigação tem como intuito redescobrir a infância, suas reinvenções por meio das novas configurações contemporâneas. Estas práticas culturais demarcam escolhas, fomentam novas formas de ser e produzir cultura em relação aos outros, aponta Hall (2004). Esta ideia vai ao encontro do que afirma Bujes (2001) quando constata que as crianças participam igualmente do contexto cultural e histórico que está em permanente transformação. Nosso objetivo aqui está centrado em analisar como estão representados os estereótipos de gênero no desenho animado Paw Patrol.

Para tanto, analisamos como os personagens do desenho Patrulha Canina atuam, como perpassam a ideia de desconstrução e construção de estereótipos históricos no que tange a

questão de gênero, constituídos a partir da sociedade e da cultura. Como frisa Coutinho (2010), a infância perpassa a ideia de “fabricação de sentidos”.

A investigação pretende dar conta de representações postas nas falas e imagens dos desenhos animados e no cenário onde os personagens estão inseridos. Apresentamos este estudo como maneira de redescobrir a infância, modos de ser e estar no mundo. Esta interpelação torna-se relevante à medida que evidenciamos uma acessibilidade da difusão de informação na infância e a construção do pensamento social a partir dos meios de disseminação de informação, no caso das crianças, os programas de animação destinados a sua faixa etária, de fácil acesso em qualquer lugar ou espaço.

Diante das problematizações atuais das discussões de gênero e do desempenho fundamental na construção da identidade infantil, este estudo evidencia-se necessário para alicerçar o papel social da mídia, seja ela escrita, falada ou televisionada, na formação sociocultural da nova geração (Ronsini, 2001).

Para verificar como são apresentadas as composições de gênero no desenho Patrulha Canina, nos embasamos em conceitos como gênero e estereótipo. Neste próximo tópico expomos como o conceito gênero é apresentado por diferentes autoras.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. Gênero como conceito**

Para debater as relações de gênero, em quaisquer campos de estudo, se faz necessária uma minuciosa construção analítica interdisciplinar. A própria definição da categoria gênero, ao longo das décadas, sofreu debates sobre o distanciamento da essência que compõe as identidades humanas.

Na década de 70, por meio do pensamento feminista, pode ser evidenciada a desconstrução das universalidades no que tange ao masculino e ao feminino, como exclusivos de natureza biológica. Essa afirmação fica clara no estudo de Piscitelli (2009), que atribui diferenças inatas entre homens e mulheres, as quais são originadas de distinções naturais e das desigualdades entre uns e outras.

Já para diferenciar gênero de sexualidade, Louro (2014) se apropria da definição da pesquisadora Jeffrey Weeks, quando assinala que comumente no contexto social confundimos “gênero (condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher) e

sexualidade (a forma cultural pela qual vivenciamos nossos desejos e prazeres corporais)”(Louro, 2014, p.84).

As diferenças de gênero, como pode ser verificado nos mais recentes estudos, não tangem apenas ao caráter biológico, e sim estão estruturadas em construções sociais de dominações e poder. Com base nestes conceitos, enraizados as identidades de gênero, de acordo com Piscitelli (2009), os meios de difusão da informação tomam papel essencial na disseminação destes conceitos na esfera cultural.

A pesquisadora Joan Scott (1989) explica que a adoção do termo gênero, na sua utilização mais recente, foi proposta pelas feministas americanas com o intuito de provar o caráter social das diferenciações fundamentadas no sexo. Segundo a autora, o termo era defendido por aquelas que acreditavam no uso do conceito para ampliar as pesquisas sobre mulheres, visualizar novos paradigmas, realizar críticas de pressupostos e critérios existentes.

Para Scott (1989), esta nova proposta metodológica abrange pensar não apenas uma nova história das mulheres, mas se pensar uma nova história.

inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. (Scott, 1989, p. 4)

Assinalar a relevância de considerar categorias como classe, raça e gênero viabilizava um olhar global, que dava voz a fala dos excluídos e modificava os recortes da história a partir desta perspectiva inclusiva e globalizada. Nesta etapa, a mulher se posicionou e conseguiu espaço de pesquisa por parte de historiadores não feministas. Esta nova história é reconhecida e depois descartada em um espaço a parte.

Neste contexto histórico, o conceito de gênero atuava como “sinônimo de mulheres” (SCOTT, 1989, p. 6). A autora assinala que este olhar nos remete ao estudo do “outro”, ou seja, a informação a respeito das mulheres, neste momento, era informações sobre os homens.

Por meio desta concepção é descartada uma avaliação de esferas separadas e a categoria gênero é usada para apontar interações sociais entre os sexos. Este propósito do uso do conceito desconsidera unicamente as características biológicas e torna-se um indicador de construções sociais.

O uso do “gênero” coloca ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. (SCOTT, 1989,p. 7)

A construção da concepção de “ser mulher”, pelo o olhar de Simone de Beauvoir (1949), é constituída partir da relação de alteridade com o “ser homem”, ou seja, a mulher é identificada como “o outro” diante do masculino. Esta perda da identidade social e pessoal, segundo a pesquisadora, é atribuída ao patriarcado.

Com o aparecimento da família patriarcal, baseada no privado, a mulher é colocada na condição de opressão. O papel social do feminino passa a ser de reprodutora. A função da mulher está em conceber a maternidade como única saída na conjuntura social, pois a ela, por meio dos costumes, lhe é imposto o casamento. Além disso, não são aceitas adoção de medidas anticoncepcionais, aborto e o divórcio, aponta Beauvoir (1949).

Na avaliação dos primórdios da humanidade, o corpo da mulher assegura um dos elementos fundamentais desta dominação, mas ele unicamente não basta para definir esta alienação. Para a pesquisadora, o corpo feminino somente define relações enquanto admitido pela consciência por meio de ações sociais. A biologia, neste aspecto, não responde à questão do porquê a mulher é alocada no papel do “outro”.

Na sua avaliação, a história construiu o papel da fêmea humana. Desde o início da civilização, a função da mulher sempre foi secundária. Ao aferir este período, evidencia-se que a mulher era excluída das expedições guerreiras, e o homem, no papel de “caçador” que arriscava a própria vida e se alocava acima do animal, demarcando uma posição de superioridade.

Em contraponto, a fêmea projeta sua existência na repetição da espécie. Ela não “serve a espécie”, enquanto o macho afeiçoa a face do mundo, inventa instrumentos novos e trama o futuro. A mulher se restringe na função de “dar a vida, não arrisca a vida” (Beauvoir, 1949, p.99).

Na percepção de Heleieth Saffioti (2013), a definição da identidade feminina é construída por meio de diferentes papéis que a sociedade presume evidenciar pelas diferentes categorias de sexo. Assim, a própria conjuntura social demarca com precisão as áreas em que pode atuar a mulher, na medida que também define os terrenos de atuação masculina.

Saffioti vai ao encontro do que Beauvoir (1949) afirma, que além da delimitação de onde e como atuar no cenário social, a responsabilidade dos filhos e da própria maternidade é restrita a figura feminina. Essa atribuição é claramente assegurada na conjuntura social imposta à mulher, na restrição ao espaço doméstico. De acordo com a autora, esta delimitação se aplica a desiguais conjunturas econômicas, ou seja, esta identidade básica é ampliada a todas as mulheres de diferentes classes econômicas.

Esta avaliação integra uma gama de estudos sobre diferentes abordagens nas análises de gênero. Dentre elas estão primeiramente um empenho feminista que se debruça a estudar as origens do patriarcado, a segunda é norteadada pelo conceito marxista e tem comprometimento com as críticas feministas. A terceira posição teórica, que se baseia em escolas de psicanálise para elucidar as produções e reproduções das identidades de gênero, é dividida entre as teorias anglo-americanas dos parentescos com o objeto e o pós-estruturalismo francês.

O grupo de feministas que guiam seus estudos a partir da concepção do patriarcado, alavancam questões relacionadas a subordinação das mulheres, dominação masculina e reprodução da espécie. A grande questão no que cerne este olhar do feminismo, aponta Scott (1989), é a desconsideração de como a desigualdade de gênero se correlaciona com outras desigualdades.

Neste momento, a avaliação é baseada exclusivamente na diferença física entre homens e mulheres. A autora assinala a preocupação das teóricas em explicar a necessidade de o “macho” dominar a “fêmea”. Se para algumas pesquisadoras deste período as respostas desta dominação era a sexualidade em si, para outras a reprodução era a essência do patriarcado, distingue Scott (1989).

Dentre as teóricas desta corrente estão Mary O’Brien, que atribui a dominação do homem ao desejo de ultrapassar a sua privação dos meios de reprodução. Também Sulamith Firestone, que confere a libertação das mulheres às modificações das tecnologias de reprodução. Já Catherine Mackinnon enfatiza que a dominação masculina tem suas origens na sexualidade, exemplifica Scott (1989).

Na avaliação de Gebara (2000), o período do patriarcado era marcado pela dominação que objetivava a perpetuação do poder, por meio da concepção de cultura do “medo” como forma de manipulação e exclusão.

Já Simone De Beauvoir (1949), quando define o patriarcado, traz a ideia de privado. Este local da família é também o espaço onde a mulher é oprimida e tratada como propriedade particular do homem. A mulher fica restrita ao espaço doméstico, lhe são conferidas tarefas restritas ao âmbito familiar.

Por sua vez, a segunda vertente de estudos é guiada pelo Materialismo Histórico. As pesquisadoras marxistas retomam uma abordagem histórica nas análises de gênero. A partir do olhar teórico do marxismo, elas conduzem sua explicação sob o viés do capital para definir gênero. Como explica Scott (1989), sob esta visão do feminismo, os conceitos de família, lar e sexualidade são fruto das modificações dos modos de produção.

As pesquisadoras marxistas consideram que a ideologia de gênero é um reflexo das estruturas econômicas e sociais, mas também reconhecem a importância de compreender a relação entre sociedade e estrutura psíquica das identidades de gênero, ressalta a autora.

Cada estudiosa do período teve suas particularidades, como Heidi Hartmann, que considera o capitalismo e patriarcado como sistemas separados, mas ao mesmo tempo em interação. Pela visão de Joan Kelly, de acordo com Scott (1989), sistemas econômicos e de gênero atuavam mutuamente para produzir investidas sociais e históricas.

Em terceiro lugar, podemos destacar os estudos do ponto de vista psicanalítico. De acordo com as pesquisas de Scott (1989), as considerações da teoria psicanalítica apontam distinções entre as escolas e suas abordagens. A Escola Anglo-Americana se baseia nas relações de objeto. A escola francesa é baseada no contexto das teorias da linguagem, na visão pós-estruturalista e estruturalista de Freud.

As estudiosas pós-estruturalistas destacam a relevância da linguagem - entendida como sistemas de significação - na comunicação, interpretação e perfil de gênero. Enquanto as teóricas anglo-americanas ressaltam a experiência concreta para pontuar as construções sociais de gênero.

Ambas as escolas se debruçam nos processos de criação de identidade do sujeito, em especial nos primeiros períodos de desenvolvimento da criança. O foco principal é identificar como é construída a formação da identidade de gênero a partir da infância.

No tópico a seguir discutiremos a definição de infância, as construções sociais sobre os papéis de gênero por meio das inserções de mídia, bem como a utilização de estereótipos na composição dos desenhos animados.

## 2.2. Os estereótipos, a mídia e as questões de gênero na infância

No tópico anterior discutimos diferentes abordagens do conceito de gênero em três principais vertentes. A primeira que elucidamos foi a das pesquisadoras que debruçam seus estudos com ênfase nas origens do patriarcado. Na sequência apresentamos as estudiosas que norteiam o tema sobre o viés do marxismo, seguido das estudiosas que explicam o conceito sobre a ótica da psicanálise. Após apresentarmos os conceitos de gênero, neste tópico discorreremos as definições de infância e as implicações dos produtos de mídia na composição de gênero no imaginário infantil.

Para Momo (2007), a definição de infância pode ser compreendida como um artefato social, ou seja, assim como tal, está sujeita a transformações e até ao próprio desaparecimento. De acordo com a autora, a infância é delimitada pela cultura e por tudo que é produzido a partir dela. Ela vai mais adiante e assemelha a infância a um objeto cultural que é construído pelos discursos, pelo consumo e pela mídia. A partir disso, as condições culturais da pós-modernidade configuram as formas de ser de cada criança, sinaliza.

Segundo Dornelles (2005), a infância no contexto atual carrega subjetividades, identidades e discursos próprios, representados na sociedade a partir do que se vê, ouve ou produz. Os produtos de mídia estão ligados a vida da criança desde seu nascimento e a acompanham durante sua infância. Com a difusão da informação e das tecnologias, percebe-se que o desenho animado é um artefato cultural cada vez mais presente na vida das crianças. Este entretenimento, dotado de estereótipos, marcam identidades por meio de discursos, personagens e ações.

Nos dias atuais, as crianças estão condicionadas em uma rede social e econômica que as remete a pensar sob uma ótica midiática e de consumo. Esta interpelação é relevante à medida que evidenciamos uma acessibilidade da difusão de informação na infância e a construção do pensamento social a partir dos meios de disseminação de informação, com programas de animação destinados à sua faixa etária, de fácil acesso em qualquer lugar ou espaço. Em especial, por meio do conteúdo informativo imerso nos desenhos animados, a criança constitui a referência de pensamento daquilo que acaba por definir os conceitos de “menino e “menina”.

Para endossar este estudo utilizamos a metodologia a partir do conceito de estereótipo, proposto por Stuart Hall (1997). As representações difundidas na série analisada não são muito diferentes de uma quantidade ainda massiva de outras séries do segmento e recaem em estereótipos. Para definir o termo estereótipo, Stuart Hall (1997) se apropria da diferenciação

proposta por Richard Dyer, sobre “tipos” e “estereótipos”. Tipos, segundo o autor, são configurações que auxiliam a população a dar significância no convívio social, e, por sua vez, estereótipos remetem a resumos exagerados.

O autor ainda assinala que quatro lógicas configuram os estereótipos. A primeira e a segunda lógica, a essencialização e a redução, remetem a representação de grupos humanos com poucas ou restritas características. A terceira lógica é a naturalização, por meio da apresentação de verdades como absolutas, não contestáveis. A construção de algo como natural normatiza comportamentos e determina, por meio do imaginário coletivo, ações e papéis a certos grupos de pessoas. A quarta lógica é a formação de oposições binárias. O alinhamentos destas posições, destas determinações, segundo Hall (1997), envolve relações de poder que demarcam oposições binárias como homem e mulher, por exemplo.

O estereótipo, presente no discurso do enunciador e do enunciado, não deve ser considerado uma ato aleatório. Por ser assimétrico é facilmente evidenciado em sociedades com mais disparidades sociais. De acordo com a cientista política Flávia Birolli (2011), as experiências sociais em diferentes contextos em que o sujeito está inserido, influenciam na formação e disseminação destes estereótipos.

Com base no conceito de estereótipo proposto por Hall (1997) embasamos nossa metodologia de análise. Na presente proposta analisamos três episódios do desenho animado Patrulha Canina. As etapas metodológicas de análise são apresentadas no tópico que segue.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia definida para atingir o objetivo do nosso artigo se divide em dois aspectos. O primeiro deles definimos como a etapa de seleção do corpus de pesquisa. Neste tópico, detalhamos e justificamos a opção por analisar o desenho Paw Patrol e os critérios utilizados para a seleção dos episódios.

A série de desenho infantil canadense é popular entre crianças brasileiras de 4 a 6 anos. O programa, criado por Keith Chapman, no Brasil é chamado de Patrulha Canina. Este desenho é transmitido em 160 países e exibido no Brasil pelos canais Nickelodeon, Nick Jr., SBT, TV Cultura e Netflix.

No país a série começou a ser transmitida em janeiro de 2014 nos canais fechados Nickelodeon e Nick Jr. Em maio de 2015, os episódios passaram a ser exibidos também em

canais abertos, como a TV Cultura e, desde 2019, passou a ser transmitida pelo SBT. Mais recentemente, assinantes da Netflix dispõem da segunda, terceira e quarta temporada.

Para a seleção do desenho em questão foram considerados aspectos como público alvo, no caso crianças em idade de alfabetização e, o alcance do desenho em rede nacional. Primeiro realizamos uma avaliação geral da série, personagens, funções no enredo, espaços e adereços que ocupam as figuras centrais do desenho. Em um segundo passo analisamos três episódios do programa, da segunda, terceira e quarta temporadas. Optamos por analisar três episódios de diferentes temporadas para verificar as transformações no decorrer da série, em especial no que remete a apresentação de três personagens que representam o sexo feminino. Além disso, os episódios selecionados estão disponíveis no Brasil.

Logo a seguir efetuamos os passos de análise, com a avaliação descritiva de três episódios da série, a partir do conceito de estereótipo proposto por Stuart Hall (1997). De acordo com Stuart Hall quatro lógicas configuram os estereótipos constituindo as seguintes categorias: a essencialização, a redução, naturalização e as oposições binárias. A primeira e a segunda lógica, a essencialização e a redução, remetem a representação de grupos humanos com poucos ou restritas características. A terceira lógica é a naturalização, por meio da apresentação de verdades como absolutas, não contestáveis. A quarta lógica é a formação de oposições binárias.

Nosso percurso metodológico se configura da seguinte forma: depois da seleção dos anúncios que constituem o corpus da pesquisa, passamos para uma descrição de personagens e episódios, para, depois disso, proceder com a análise a partir das quatro categorias definidas a partir de Stuart Hall. Cada anúncio será analisado de forma a identificar a presença ou a predominância dessas categorias.

Serão analisadas 3 personagens: a filhote canina Skye, a filhote canina Everest e a prefeita Googway. A escolha das personagens femininas, em número reduzido na série, se deu para verificar como os estereótipos de gênero são apresentados no desenho.

Os 3 episódios analisados - “Os filhotes latem com os dinossauros”, “Os filhotes e uma gambá” e “Os filhotes salvam um Cão-tlântida”-são de diferentes temporadas e ainda estão disponíveis pelos canais You Tube, Netfïx e transmitidos na rede aberta de televisão.

Nossa análise será composta de três procedimentos: uma descrição inicial, uma análise dos personagens e dos episódios a partir do conceito de gênero e, por último, avaliaremos a partir das quatro lógicas propostas por Hall. No quadro abaixo, apresentamos estes procedimentos de forma resumida.

Quadro 1: Síntese da análise realizada de personagens e episódios.

O que será analisado	Descrição	Análise a partir do conceito de gênero	Lógicas de Hall
Personagem 1	X	X	X
Personagem 2	X	X	
Personagem 3	X	X	X
Episódio 1	X	X	X
Episódio 2	X	X	
Episódio 3	X	X	X

Em suma, nossos passos de análise foram delimitados a fim de verificar como as lógicas propostas por Hall são verificadas nas personagens e nos episódios analisados. A seguir apresentamos a análise detalhada dos episódios e das personagens descritas acima.

#### 4. ANÁLISE DO PRODUTO DE MÍDIA PATRULHA CANINA

##### 4.1. Desenho animado

Para análise do desenho animado em questão couberam alguns questionamentos. Os artefatos midiáticos mais visualizados pelas crianças possuem suas particularidades. Existem desenhos infantis que rompem as barreiras tradicionais dos papéis sociais de gênero. O “Show da Luna”, onde a protagonista é uma menina cientista que busca respostas há muitos questionamentos por meio da ciência, é um exemplo disso. No desenho as “meninas superpoderosas” e “ladybug” as protagonistas são meninas que salvam as pessoas dos perigos, com coragem e determinação.

De fato, exemplos de desenhos infantis que propõem uma subversão do conceito da menina indefesa, indiferente à ciência e inovação, estão presentes na grade televisa com adesão importante pelo público infantil, mas ainda de maneira tímida se comparado ao discurso dos tradicionais heróis masculinos. Estas séries animadas são tema de brinquedos, produtos escolares e constituem o imaginário infantil.

Neste presente estudo, a proposta é analisar uma série de desenho infantil canadense PAW Patrol, no Brasil chamada de Patrulha Canina. Seus personagens centrais são: Ryder,

Marshall, Rubble, Chease, Rocky, Zuma, Skye, Capitão Rodovalho, Everest, Tracker, Perfeita Gvoodway, Katie, Alex Porter, François Rodovalho, Jake, Fazendeira Yumi, Fazendeiro Al, Sr. Porter, Wally, Carlos. A seguir faremos uma breve descrição a respeito do perfil de cada um dos personagens principais e secundários.

### **Ryder**

Líder dos filhotes, o menino de 10 anos é figura central e carrega a carga de tutor dos patrulheiros. Seu equipamento de trabalho para efetuar os resgates é um quadriciclo tecnológico que pode se transformar em uma moto de neve ou um jet-sky.

### **Marshall**

O personagem canino Marshall é um dálmata desajeitado e especialmente ativo. Sua frase comum em todos os episódios é “eu estou bem”, para assinalar como fica após seus tropeços e quedas. Seus lemas são: “pronto para um resgate” e “pode contar comigo”. Na primeira temporada de transmissão da série no Brasil foi confundido com uma fêmea, mas a dublagem foi corrigida na segunda temporada.

### **Rubble**

O personagem canino Rubble é um Bulldog Inglês que se interessa por skates e brincadeiras que o levam a se sujar. Para sua missão enquanto patrulheiro ele utiliza uma escavadora de construção e acredita que não exista nada que não possa fazer. Como lema ele utiliza a frase: “Rubble está a postos”.

### **Chase**

O personagem canino Chase é um pastor alemão e líder nato da equipe de filhotes. Aprecia estar no comando, mesmo quando não é requisitado para o resgate em questão. Tem como lemas: “Chase está no caso” e “Essas patinhas apoiam as leis”.

### **Rock**

O personagem canino Rock é um filhote de vira-lata entusiasmado com questões ambientais como a reciclagem. Ele utiliza uma mochila com as mais variadas ferramentas para caso necessite. Tem como lemas: “Verde significa siga” e “Não perca, reutilize”. Seu melhor amigo é o filhote Zuma.

### **Zuma**

O personagem Canino Zuma é uma Labrador que utiliza um bote inflável para suas aventuras de resgate. Também foi confundido com uma fêmea na primeira temporada transmitida no país devido ao erro na dublagem. Tem como lema: “Vamos mergulhar”. É o melhor amigo do Rock.

### **Skye**

A personagem Skye é uma Cockapoo que aprecia voar em seu helicóptero para ajudar nos resgates. Durante a primeira temporada era a única personagem feminina na equipe. Seus lemas são: “Vamos levantar voo” e “Esse filhote vai voar”.

### **Everest**

A personagem canina Everest é uma Husky Siberiana e um dos membros mais recentes da equipe de patrulheiros. Diferente do restante da equipe, vive com o personagem Jack nas montanhas de neve. Seu lema é: “Geando ou nevando, já estou chegando”.

### **Tracker**

O personagem Tracker é um Chihuahua e é o integrante mais recente da patrulha canina. Seu único receio é ficar no escuro. Tem como lema: “ Eu sou todo ouvidos”.

A seguir faremos uma breve descrição dos personagens secundários.

### **Capitão Horácio Rodovalho**

O biólogo marinho é o personagem que mais aciona a patrulha canina. Ele também opera o farol da baía e pilota um barco amarelo. Frequentemente aparece nos episódios acompanhado da morsa Wally e do seu primo François.

### **Prefeita Goodway**

Ocupa o cargo de prefeita da Baía da Aventura e possui uma galinha de estimação, Galinheta.

### **Katie**

Veterinária da Baía da Aventura que dá banho nos filhotes.

### **François Rodovalho**

Primo do Capitão Rodovalho, é fotógrafo e acrobata.

### **Jake**

Esquiador dono da Everest e de uma montanha com o nome dele.

### **Fazendeira Yumi**

Fazendeira da cidade. Seu esposo é o fazendeiro Al.

### **Fazendeiro Al**

Fazendeiro da cidade. Sua esposa é a fazendeira Yumi.

### **Carlos**

Amigo do Ryder que reside na floresta e é dono de Tracker.

### **Ace Sorensen**

Amiga de Ryder e da Skye. É uma piloto de acrobacia aérea.

### **Julius e Justina Goodway**

Sobrinhos da prefeita Goodway.

### **Prefeito Humdinger**

É o prefeito da Baixa da Névoa, rival da prefeita Goodway. Tenta prejudicar a Baía da Aventura e conta com uma equipe de gatinhos para ajudar nos seus planos.

### **Cali**

Gatinha de estimação da Katie.

### **Betina**

Vaca de estimação da fazendeira Yumi.

### **Garbie**

Cabra de estimação da fazendeira Yumi.

No contexto original, que engloba oito filhotes caninos de raças variadas responsáveis por resolver problemas da cidade fictícia Baía da Aventura, apenas duas filhotes são fêmeas – Skye, a aviadora e, Everest, personagem recente incluída na série. Os filhotes são liderados por Ryder, um menino de 10 anos que organiza a equipe canina no centro de operações, denominado como “Farol”. Ele elabora as missões arriscadas de resgate com propósito de “salvar o dia” e proteger a comunidade.

A primeira questão que apontamos é a proporcionalidade de personagens femininas, são duas heroínas em contraponto com seis cães que representam os heróis. Nos episódios os filhotes são tratados sem diferenças e são valorizados por habilidades únicas, mas a proporção de personagens femininas aponta espaço reduzido para as meninas no mundo dos heróis.

Durante a primeira temporada da série, apenas uma dos sete personagens representava o gênero feminino, a Skye, uma filhote de Cockapoo, com uma aparência tradicionalmente feminina. Sua função nos episódios é pilotar um helicóptero, o que é um avanço no papel das meninas como heroínas se não considerarmos outros estereótipos representados nesta personagem. Seu uniforme é rosa e ela é notavelmente menor que os demais membros da equipe de patrulheiros.

De acordo com Louro (2014), a noção de que as mulheres são menos capazes fisicamente que os homens ainda é tida como verdade absoluta. Esta ideia restringe a participação efetiva das mulheres em atividades físicas consideradas essencialmente masculinas.

Como observa Sheila Scraton (1992, p. 53), ‘considerava-se as mulheres como homens diminuídos: como homens truncados ou ‘homens pela metade’. Concepções como essas vem impedindo que seja proposta às meninas a realização de jogos ou atividades físicas tidos como masculinos. (LOURO, 2014, p.77)

A autora vai mais adiante e aponta que, tradicionalmente desde a infância, as meninas são sinalizadas para proteger seus corpos e a “ocupar um espaço corporal pessoal muito limitado”, desenvolvendo assim, ao longo da vida uma espécie de “timidez corporal”. (LOURO, 2014, p.80)



Figura 1: Personagem Skye, única protagonista feminina durante primeira temporada da série. Fonte: Nickelodeon

A segunda personagem feminina, a Everest, foi adicionada à série na segunda temporada. A Husky Siberiana entra em cena como um contraponto a Skye. A Skye tem a aparência tradicionalmente feminina, o uniforme é rosa, tem aparência doce e é fisicamente menor. Em

contraponto, a personagem Everest é fisicamente maior, seu uniforme é de gênero neutro, nas cores verde e amarelo. Outra particularidade que está presente é que, diferente de Skye, a nova heroína aparece em somente metade dos episódios e não mora junto com o restante da equipe de patrulheiros caninos.

De acordo com Beauvoir (1949), desde o início da civilização, o corpo tradicionalmente feminino e frágil assegura um dos elementos fundamentais da dominação do homem sobre a mulher, mas não é o único responsável pela mulher ser vista como o “outro”. Para a autora, esta submissão feminina somente ganha forma por meio das ações sociais. No caso da personagem Skye, esta submissão ao masculino fica evidente nas análises dos episódios a seguir, quando verificamos que ela não tem espaço de decisão igual dos demais personagens.

Em contraponto, a personagem Everest não se enquadra neste perfil frágil e tradicionalmente feminino da Skye. A Everest tem porte grande, não é delicada em seus gestos e tem uma postura mais “masculina”. Os diferentes perfis asseguram para as personagens o lugar que “podem” ou não ocupar. Esta constatação fica clara quando verificamos que ela é a única personagem da série que não reside junto aos patrulheiros.

De acordo com Saffioti (2013), a própria conjuntura social demarca com precisão as áreas em que pode atuar a mulher, na medida que também define os terrenos de atuação masculina. Por não se encaixar neste estereótipo de figura feminina tradicional, Everest não está presente em determinados locais e situações na série. Como ela não se enquadra no perfil tradicional da representação do feminino, não garante a participação em determinados espaços.

Com base na contextualização de Hall (1997), que considera os estereótipos como práticas de representação que adquirem sentido no contexto que são produzidas, este fato pode ser interpretado com a mensagem de que para ser aceita no local de trabalho uma mulher necessita ter uma aparência feminizada. Este estereótipo se encaixa nas categorias essencialização e redução, pois definem a representação de grupos humanos com poucas ou restritas características.



Figura 2: Personagem Everest, adicionada recentemente como personagem da série. Fonte: Nickelodeon

Mais adiante verificamos que a figura humana que representa as mulheres na série é Goodway, prefeita da Baía da Aventura. A personagem utiliza um vestuário tradicionalmente feminino, com uso de saia e blazer. Seus gestos e suas ações representam uma figura frágil e indefesa. Sua personagem é retratada como uma pessoa atrapalhada e obcecada por uma galinha de estimação, a Galinheta. O receptor percebe nesta personagem que sua competência é frequentemente colocada em xeque nos episódios.

Em cada nova história é sinalizado que suas decisões são ruins e resultam na necessidade do seu resgate ou de alguém que ficou em uma situação de risco em decorrência de suas decisões. Também fica claro o questionamento de sua capacidade quando a história sugere que ela ocupa o cargo de munícipe como herança familiar oriunda de seu bisavô, então prefeito na sua época, não pela sua capacidade profissional. Um esteriótipo representado pela personagem Goodway se enquadra na terceira lógica proposta por Hall (1997), a naturalização, por meio da apresentação de verdades como absolutas, não contestáveis. Ela remete a lógica de que as mulheres são menos capazes para ocupar lugares de poder.

Outro aspecto que cabe ressaltar na personagem são os colapsos de pânico de Goodway em momentos de crise e sua atuação que acaba por envolver sempre um personagem homem que resolve o problema em questão. O processo de naturalização da representação da mulher sempre associada ao que tange ao mundo privado, com a associação a atividade de cuidado e vida familiar, coloca o homem, o “outro”, relacionado as tarefas de prestígio e desfrute do espaço público (Beauvoir, 1967).



Figura 3: Goodway, prefeita da Baía da Aventura. Fonte: Nickelodeon

#### 4.2. Os episódios

No primeiro momento metodológico realizamos uma avaliação geral da série, personagens, funções no enredo, espaços e adereços que ocupam as figuras centrais do desenho. Em um segundo passo analisamos três episódios do programa, da segunda, terceira e quarta temporadas. A opção de selecionar um episódio de cada temporada se deu para verificar a mudança e acréscimo de alguns personagens à trama. Além disso, utilizar diferentes temporadas é relevante à medida que é visível evidenciar mudanças no enredo e transformações na série. Além disso, os episódios selecionados estão disponíveis no Brasil.

No episódio “Os filhotes latem com os dinossauros”, disponível na segunda temporada, podemos verificar novamente alguns estereótipos na análise da personagem Skye. Neste episódio os filhotes vão escavar para buscar fósseis e acham ovos que parecem ser de dinossauros. A trama gira em torno do resgate destes ovos e da retirada de dinossauros da Baía da Aventura. Para a primeira tarefa Ryder aciona a Skye e o Rubble. Ryder diz: “- Skye preciso que você levante o ovo com a sua *“cadeirinha”*, vai ser difícil, mas você vai conseguir”. Em um primeiro momento o que mais chama a atenção é o uso do diminutivo da palavra cadeira. Já para acionar o filhote Rubble ele diz: “- Preciso que use sua pá”. Em nenhum momento Ryder fala pazinha. Fica claro na fala do Ryder que o enunciado passa a fragilidade da filhote Skye, tanto quando usa o nome do seu acessório de trabalho no diminutivo -*“cadeirinha”*- também quando põe em questão sua capacidade de fazer o que ele solicita, o que não acontece quando ele aciona Rubble, por exemplo. Este contexto remete as lógicas de Hall categorizadas

como essencialização e redução, pois reforça o estereótipo de fragilidade feminina, com a representação de grupos humanos com poucas ou restritas características.

Neste mesmo episódio observamos a maneira como a outra personagem feminina é apresentada. A prefeita Goodway aparece atrapalhada observando a invasão de dinossauros na praça da Baía. Logo ela fala: “- O que vamos fazer, o que vamos fazer, o que vamos fazer?” Ela foge em desespero e se esconde em uma casinha na árvore. Neste momento sua galinha de estimação, a Galinheta, cai próximo ao dinossauro. Ela tenta recuperar a sua galinha de estimação e acaba caindo e acertando sem querer o dinossauro. Ela recupera Galinheta, mas não pela sua capacidade de pensar ou agir, mas pelo seu desespero e atrapalho.

O estereótipo nesta situação, de acordo com as lógicas de Hall (1997), é o da naturalização, por meio da apresentação de verdades como absolutas, não contestáveis. Ela remete a lógica de que as mulheres são menos capazes de tomadas de decisão, bem como considera natural - lógica da naturalização - que elas sejam frágeis e atrapalhadas

Novamente a situação de risco se apresenta e a prefeita repete a mesma frase: “- O que vamos fazer, o que vamos fazer, o que vamos fazer?”. O caso é solucionado pelo garoto Ryder. Goodway novamente fica sem ação e é salva por um personagem que representa o sexo masculino.

A mensagem que passa ao telespectador é de que para resolver qualquer problema na cidade que ela administra, necessita de auxílio de figuras masculinas. Além disso, como estereótipo de gênero, fica explícita sua fragilidade emocional enquanto mulher, como se somente soubesse usar a emoção e não a razão. Novamente a lógica proposta por Hall (1997) da naturalização aparece na representação desta personagem.

No contexto da conceitualização de gênero, Saffioti (2013) afirma que além da delimitação de onde e como atuar no cenário social, é claramente assegurada na conjuntura social imposta à mulher, a restrição ao espaço doméstico. De acordo com a autora, esta identidade básica é ampliada a todas as mulheres de diferentes classes econômicas.

O episódio da terceira temporada analisado é intitulado “Os filhotes e uma gambá”. A escolha deste episódio se deu pela adesão da Everest, filhote fêmea incluída na série. Everest, diferente da Skye, é visivelmente maior que os outros filhotes e utiliza uniforme de gênero neutro, nas cores verde e amarelo. Neste episódio os filhotes estão atrás de frutinhas e encontram uma gambá. A gambá borrija seu odor na Everest e os filhotes tentam convencê-la a tomar um banho. Everest, muito decidida a achar as frutinhas, não aceita a sugestão.

Os rastros das frutinhas a levam até a frente do Pet Shop, após ser convencida por todos, decide tomar banho. Mas a missão dos filhotes neste episódio é levar a gambá de volta à floresta. O senhor Potter está preso em seu restaurante porque a gambá está bloqueando a entrada do estabelecimento. Ryder é acionado pelo senhor Potter e escolhe para a missão Rubble e a Everest. O líder do grupo pede para Everest usar seu Limpa Neve. De pronto a filhote muito confiante diz: “É pra já. Everest não falhará”. E, como resposta, Ryder agradece.

Fica evidente a confiança da filhote fêmea Everest, sua postura perante o grupo é de segurança. Diferente da filhote Skye, Everest é segura e o grupo reconhece nitidamente isso. Antes de retirar a gambá da frente do restaurante, percebem que ela está machucada. Marshall tenta retirar todos os espinhos das patas da gambá, mas falha. Prontamente Everest assume e finaliza com sucesso a retirada dos espinhos da gambá. Logo a gambá ajuda os filhotes a encontrar as pretendidas frutinhas. No finalzinho Jake, que mora nas montanhas com Everest, aparece e desfruta junto com o grupo a deliciosa refeição.

Este episódio analisado, disponível na terceira temporada, demonstra uma mudança na representação da figura feminina com a participação da Everest. Mesmo não residindo com o grupo, a Husky Siberiana representa uma quebra de paradigmas da figura feminina, antes estereotipada nas personagens Skye e prefeita Goodway. A personagem Everest surge como forma de desconstruir a figura binária acerca da composição de gênero. Esta constatação fica clara não apenas na indumentária neutra da personagem canina, mas na sua posição de líder quando se faz presente com o grupo de filhotes. A figura frágil e dócil da Skye é colocada em contraponto com a figura austera, independente e forte da personagem Everest.

Estas transformações no decorrer da série Patrulha Canina demonstram uma subversão da concepção de gênero quando se apresenta, no decorrer da terceira temporada, um enunciado diferente para a personagem feminina, antes não apresentada na primeira e na segunda temporada da série. As figuras estereotipadas, representadas na filhote canina Skye e na personagem da prefeita Goodway, ganham um novo olhar para as interpelações de gênero, com a adesão da Everest.

Entretanto, a participação da personagem é pequena em relação as demais figuras femininas da série e, como dito anteriormente, ela não reside com os outros filhotes. A opção de manter a filhote morando com seu dono Jake nas montanhas, por outro lado, pode ser interpretada como uma melhor aceitação de figuras mais feminilizadas no ambiente de trabalho, como no caso da filhote de Cockapoo, Skye.

De acordo com Saffioti (2013), a própria conjuntura social norteia os territórios de atuação feminina ou masculina. Por não se encaixar neste estereótipo de figura feminina tradicional, Everest representa uma figura neutra, quase “masculina”. Este fato, na perspectiva da contextualização de gênero, impossibilita a filhote de estar presente em determinados locais e situações na série. Como ela não se enquadra no perfil tradicional da representação do feminino, não garante essa participação em determinados espaços.

O último episódio avaliado é intitulado “Os filhotes salvam um Cão-tlântida”, disponível na quarta temporada da série. Este episódio se passa na praia. Os filhotes precisam salvar um castelo sub-aquático chamado Cão-tlântida, onde vivem filhotes sereias. Um menino pirata e seu cão Arbi roubam pérolas e a concha mágica do castelo, o que acarreta em desmoronamentos. A missão é resgatar as peças para a harmonia do castelo. Em um recorte de gênero, chama a atenção os habitantes do castelo serem apenas sereias fêmeas, com trajés rosas e lilases. Entretanto, quando inicia a história, todos os filhotes da equipe de patrulheiros, inclusive os cães machos, por um passe de mágica, tornam-se filhotes sereias por algum tempo. Os trajés não se modificam, apenas ganham caldas de peixe.

Além disso, quando as equipes se dividem Skye acompanha o Ryder e mais dois filhotes no patrulheiro submarino, mas ao contrário dos demais colegas, ela se acomoda na poltrona atrás de todos. A representação da cena perpassa a lógica de Hall (1997) da naturalização, pois dá a impressão de que mulheres seguirem atrás dos homens é algo comumente naturalizado. Neste episódio em questão nos chamou a atenção o fato de as sereias do castelo serem todas femininas e com trajés feminilizados e, principalmente, o posicionamento da filhote Skye perante o grupo, sempre atrás dos demais colegas.

No contexto da concepção de gênero, Scoot (1989) explica questões relacionadas a subordinação das mulheres, dominação masculina e reprodução da espécie pela ótica do patriarcado. A grande questão no que cerne este olhar do feminismo, aponta Scott (1989), é a desconsideração de como a desigualdade de gênero se correlaciona com outras desigualdades por meio da reafirmação destes estereótipos.

Estes estereótipos naturalizados em nosso cotidiano também estão presente nos produtos de mídia direcionados ao público infantil, sejam em desenhos, filmes ou programas de um modo geral. Por vezes, nos passa despercebido detalhes como posicionamento de personagens, trajés, configurações dos locais onde se passam as histórias, mas eles ainda asseguram a reprodução desta lógica da naturalização (Hall, 1997) como verdade absoluta.

Neste episódio em questão, a única presença feminina na posição de herói está na figura da filhote Skye, com pouca representatividade no contexto de um grupo expressivamente maior de filhotes machos. As sereias de Cão-tlântida, todas fêmeas, ocupam o papel de meninas indefesas à espera do seu herói menino para efetuar seu salvamento. Consideramos nesta última análise que, mesmo com representatividade, as nossas heroínas ainda ocupam espaços inferiores neste papel, assegurando a reprodução de estereótipos de gênero. Transmitem o enunciado de que as mulheres são mais frágeis e necessitam ser “salvas” por um representante masculino.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As implicações da interpelação dos desenhos animados na rotina das crianças requer pensar não apenas em como seus discursos são apresentados, mas o quanto existem, ou melhor, se existem diferentes enunciados no que tange a temática gênero nestes produtos de mídia, cada vez mais presentes no cotidiano infantil. A infância na contemporaneidade é carregada por subjetividades e discursos próprios. De acordo com Dornelles (2005), estes discursos são produzidos na infância a partir do que se ouve, vê ou produz.

Os desenhos animados, dotado de estereótipos, marcam identidades por meio de discursos, personagens e ações. Neste estudo analisamos a série animada Patrulha Canina, transmitida em 160 países, com adesão importante entre crianças de 4 a 6 anos. Compreender a infância como artefato social sujeito a transformações (MOMO,2007), propõe pensarmos de fato o que as crianças estão consumindo e como os produtos de mídia direcionados a este público se apresentam.

Neste contexto, este artigo esteve centrado na seguinte questão: quais são os principais estereótipos de gênero representados no desenho animado Paw Patrol? Nosso objetivo aqui esteve centrado em analisar como estão representados os estereótipos de gênero no desenho animado Paw Patrol. Para tanto, analisamos como os personagens do desenho Patrulha Canina atuam, como perpassam a ideia de desconstrução e construção de estereótipos históricos no que tange a questão de gênero, constituídos a partir da sociedade e da cultura.

Em um primeiro momento evidenciamos na série Patrulha Canina duas personagens femininas, a filhote Skye e a figura humana da prefeita Goodway, as quais enunciam estereótipos que denotam fragilidade, insegurança e necessidade do personagem masculino para defendê-la. Em um segundo passo analisamos três episódios do programa, da segunda,

terceira e quarta temporadas, a partir do conceito de estereótipo proposto por Stuart Hall (1997) - a essencialização, a redução, naturalização e as oposições binárias.

Na trama as duas figuras, das três protagonistas que representam o gênero feminino do enredo, são apresentadas com uma aparência tradicionalmente feminina. O uniforme da filhote Skye é rosa e o vestuário da prefeita da Baía da Aventura é tradicionalmente feminino, com o uso de saia. A proporcionalidade de protagonistas femininas é visivelmente menor que os reconhecidos heróis masculinos. A adesão da filhote Everest à trama, mesmo em menor proporção em relação aos filhotes machos, demonstra uma visível modificação do enunciado, no que tange a temática gênero apresentada na série. A nova protagonista da equipe de cães é visivelmente maior, usa uniforme neutro e possui personalidade forte e decidida.

Esta subversão da apresentação do gênero feminino em comparação as primeiras personalidades - Skye e Googway- que remetem ao estereótipo de naturalização, redução e essencialização(Hall, 1997), perpassa a visível necessidade da mídia, seja ela falada ou televisionada, em atender novas perspectivas em relação a esta temática. Esta desconstrução de ideias binárias como verdades absolutas, mesmo que em proporção menor em relação ao contexto geral da série, demonstra uma transformação cultural e social que segue emergente. Mesmo que estas mensagens passem despercebidas pelo público adulto, elas são fundamentais na composição identitária de gênero que a criança passa a construir a partir destas inserções (Belloni, 2009).

## 6. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Laura Filomena Santos de; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen;
- BEAUVOIR, Simone De. O Segundo Sexo: fatos e mitos: tradução Sérgio Milliet- 5 edição- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. Campinas, SP. Autores Associados, 2009.
- BIROLI, Flávia. “Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, 2011.
- BUJES. Maria Isabel, Descaminhos. In: Costa, Mariza Vorraber (org). **Caminhos investigativos II**. Outros modos de pensar e fazer pesquisa. Rio de Janeiro: Lamparina, editora, 2007, p. 13-34.
- COUTINHO, Karyne Dias. **Lugares de criança: shopping centers e o disciplinamento dos corpos infantis**. São Luis. MA: EDUFMA, 2010, 158p.
- DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança de rua à criança cyber**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar Editor: 1994, p. 127-190.
- GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal. Petropolis: Vozes, 2000c.
- HALL, Stuart. “The Spectacle of the ‘Other’ ”. In: Stuart Hall 9Ed.) Representations. Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage and The Open University, 1997.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lomparina, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. ed. Petropolis, RJ: Vozes 2014.
- MOMO, Mariangela. Mídia e consumo na **produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS. 2007.

PEREIRA, T. V. As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as políticas curriculares. In: **Espaço do currículo**, vol. 3, n. 1, 2010, p. 419-430.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PISCITELLI, A. Gênero - a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWKO, J. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

RONSINI, Veneza V. Mayora. SILVEIRA, Ada C. Machado da. **Representação e Identidade: três estudos em Comunicação**. Facos, UFSM, 2001, 107p.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de Classes. 3 edição- São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Jorge Zahar Editor, 1ª edição, p. 231, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto original: Gender: a useful category of historical analyses. New York, Columbia University Press, 1989.

STEINBERG, Shirley R. **Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações**. In: SILVA, Luiz Heron da, AZEVEDO, José Clóvis de, SANTOS< Edimilson Santos dos (orgs). Porto Alegre: Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: Larrosa, Jorge e Skliar, Carlos (org). **Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 105-118.